



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

23 e 24 de setembro de 2017

Notícias do Dia
Capa e Cidade
"Muitas terras para poucos"

Muitas terras para poucos / Ministério Público Federal / Fraude imobiliária / Reforma agrária / Irasc / Florianópolis / Plano Diretor / Instituto da Reforma Agrária de Santa Catarina / MPF / Colecate / Coordenação de Legitimação e Cadastramento de Terras Devolutas / Gert Schinke / MP-SC / Justiça Federal / Associação Jardim Rio Tavares / UFSC / Laerte Ramos Vieira / Ciasc / Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina / Secretaria de Estado da Agricultura e Pesca / João Marques Brandão Neto / SPU / Secretaria de Patrimônio da União / Procuradoria-Geral do Estado / Tribunal Regional Federal da 4ª Região / Incra / Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária



Muitas terras para poucos

Ministério Público Federal investiga fraude imobiliária em programa de reforma agrária do extinto Irasc

FÁBIO BISPO

fabiobispo@noticiasodia.com.br

O preço de um pedaço de terra em Florianópolis assusta o trabalhador médio. A construção civil lamenta a estagnação do mercado e o que chama de "entraves ambientais". A população cresce acima da média nacional. Enquanto o turismo se consolida como vocação - a magia do lugar atrai milhares a cada temporada -, cada metro quadrado é disputado palmo a palmo. As administrações destacam o bom IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Mas a fila nas pontes já não anda nos horários de pico. E lá se vai mais de uma década de discussões de um Plano Diretor que não sai do papel. O caos urbano contrasta com um passado não tão distante. Em 1970, por exemplo, o censo do IBGE contabilizou 5.984 toneladas de mandioca, 53.390 cachos de banana, 55.640 galinhas e mais de um milhão de litros de leite de vaca. Tudo produzido numa paisagem agropecuária já não mais visível. Uma época em que nem todo mundo tinha título sobre as próprias terras.

No meio deste intervalo de tempo que transformou a rotina rural da cidade em destino turístico e moldou a geografia dos bairros está o extinto Irasc (Instituto da Reforma Agrária de Santa Catarina). Foram 15 anos de forte atuação em um programa

que deveria promover a reforma agrária e combater grandes latifúndios. No entanto, ao que tudo indica, boa parte das 980 áreas repassadas pelo órgão na Capital foi para pessoas que não se enquadrariam nos critérios exigidos para fornecimento dos títulos. Segundo documentos anexados à ação civil pública movida pelo MPF (Ministério Público Federal), as terras da reforma agrária acabaram servindo à especulação imobiliária, ampliando patrimônio de moradores e empresas ou distribuídas entre pessoas "influentes" dentro do órgão que concedia os títulos. A lista de beneficiados mostra inclusive funcionários do Irasc como beneficiários.

Em 15 anos de atuação, entre 1962 e 1977, o Irasc assumiu a tarefa de identificar e distribuir as terras devolutas do Estado "com atenção especial a áreas devolutas possuídas por agricultores", conforme diz o texto da lei 2.939/1961 que criou o órgão. Nesse período, foram 16.055 glebas de terras transferidas em todo o Estado, sendo a maior parte no litoral. Em Florianópolis foram concedidos 980 títulos que regularizariam a posse de 30,6 km² somente pelo Irasc. Outros 421 títulos foram emitidos após a extinção do órgão, através da Colecate (Coordenação de Legitimação e Cadastramento de Terras Devolutas), sendo 25 deles na Capital. ●

Ecologista garimpou documentos do Irasc

Os documentos do Irasc descansaram durante anos nas gavetas do arquivo do governo do Estado sem que ninguém questionasse o possível esquema para burlar as exigências da legislação que criou o instituto em 1961. Durante anos, o órgão funcionou praticamente como um cartório de títulos, concedendo áreas nos recantos da ilha ou em qualquer lugar do Estado. Glebas imensas foram repassadas a pessoas das mais diversas áreas de atuação e profissões (militares, funcionários públicos, advogados, comerciantes, etc).

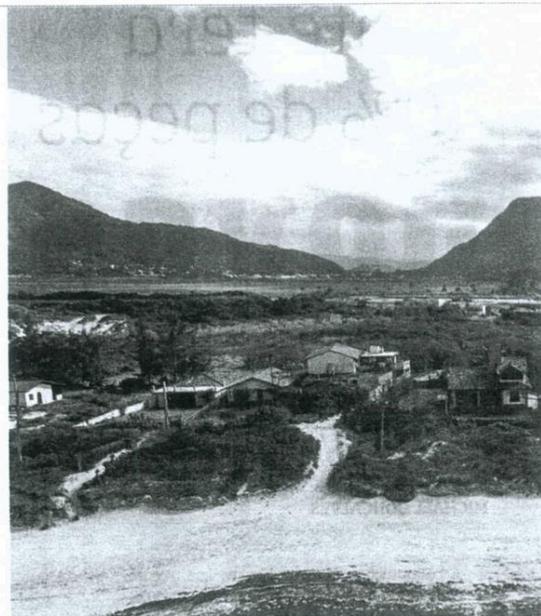
O caso veio à tona após estudo de cinco anos do historiador e ecologista Gert Schinke. Pesquisador independente, ele garimpou os escaninhos do arquivo público e levantou mais de 44 mil títulos de terras devolutas repassadas pelo Estado desde 1870. O levantamento revelou que 37% das áreas

do Estado foram repassadas a terceiros num curto período de quase 20 anos, que incluiu o Irasc e a Colecate.

A pesquisa encontrou uma série de indícios de fraudes que resultaram no livro "O golpe da reforma agrária: fraude bilionária na entrega de terras em Santa Catarina". O documento também foi entregue aos órgãos de controle do Estado no MP-SC (Ministério Público de Santa Catarina) e MPF. A primeira edição foi lançada em 2015 e em agosto deste ano a pesquisa foi ampliada e relançada em segunda edição.

O estudo nomina 1.098 requerentes de terras do Estado através dos três principais órgãos que administraram o patrimônio de terras devolutas do Estado. As listas também apontam cruzamentos de dados mostrando quanto dos beneficiados com terras estão entre os maiores devedores do município.

No Pântano do Sul, duas grandes porções de terras foram parar nas mãos de construtoras



O maior cartório de títulos do Estado

A análise de Gert Schinke sobre os documentos agora apreendidos pela Justiça Federal aponta que mais da metade das terras entregues pelo Irasc foram para pessoas que não tinham relação com a reforma agrária. A situação fica ainda mais complicada quando se percebe que muitas receberam mais de uma gleba de terra. Na Capital, Gert cita o caso de uma família que recebeu cinco glebas, totalizando mais de 1,6 milhão de m² em áreas no Pântano do Sul, Lagoinha do Leste e Saquinho. Outras duas pessoas receberam seis glebas nos Ingleses e Pântano do Sul e 92 pessoas foram contempladas com mais de uma porção de terra na cidade.

O número 291 da rua Felipe Schmidt, no Edifício Zahia, pri-

meiro endereço do Irasc, era uma máquina de emissão de títulos de terras. Outra atribuição que o órgão tinha por lei, mas que nunca foi cumprida, era o levantamento das terras devolutas do Estado.

Em 15 anos, o Irasc manteve uma média de 4,3 títulos emitidos por dia útil. Entre 1972 e 1974, período em que o órgão concentrou 41% das emissões, chegou à média diária de dez concessões. O professor aponta registros de uma indústria de açúcar que recebeu 11 glebas de terras em Navegantes e outras 47 em Balneário Piçarras. "Não se tratava, por óbvio, de uma empresa colonizadora, como no século passado, restando a dúvida de por que se entregou essa imensa quantia de glebas a uma empresa privada", questiona.

"O GOLPE DA REFORMA AGRÁRIA": fraude bilionária na entrega de terras em Santa Catarina. Livro de Gert Schinke. EDITORA: Insular. 629 páginas. R\$ 70



Gert estudou durante cinco anos o caso que resultou em livro



FLAVIO TINNUS

“Corrida ao pote de ouro”

Um dos campeões em benefícios concedidos pelo Irasc, segundo os documentos, é um empresário gaúcho que amealhou aproximadamente 3,27 km² de terras em Garopaba em seis glebas consecutivas tituladas pelo órgão da reforma agrária. Os motivos apresentados ao órgão para requerer um título eram os mais diversos.

Pediam-se terras públicas para lazer, construção de moradia permanente, ampliação de áreas contíguas e até mesmo para lotear, como aponta laudo do Irasc com data de 1º de setembro de 1972 no qual o técnico do órgão diz que terras requeridas já estavam “preparadas para loteamento”. “Era uma verdadeira corrida ao pote de ouro, preenchia-se o requerimento, levava-se ao Irasc e rapidamente se obtinha um título da terra. Isso não valia apenas para demarcar os territórios ou influenciar na especulação imobiliária, mas servia também como garantia para se conseguir altos empréstimos nos bancos”, afirma Gert Schinke.

Loteamentos na reforma agrária

Chama a atenção o destino que teve boa parte das glebas que representam os 30,6 km² distribuídos pelo Irasc em Florianópolis. No Pântano do Sul, duas das maiores porções entregues no distrito passaram anos depois para as mãos de construtoras que pretendem implantar projetos com a previsão de ofertarem cerca de 800 lotes. A estes projetos soma-se outro empreendimento com mais de 100 hectares, na praia do Matadeiro, que ocuparia cinco glebas de terras também entregues pelo Irasc.

Alguns dos títulos também foram destinados para associações, igrejas, clubes de futebol e órgãos públicos. Um desses casos é o da Associação 19 de Março, que recebeu uma área de 643,9 mil m² no “Pontal”, em 23 de janeiro de 1968. Em cinco anos a Câmara de Vereadores aprovou o loteamento. Dez anos mais tarde, o loteador recebeu o título definitivo da área que hoje é conhecida como Daniela.

**LEIA
SEGUNDA** ➤
 MPF deverá analisar a cadeia dominial de todos os 16.055 títulos entregues no Estado entre 1962 e 1977

Os 69 da Associação Jardim Rio Tavares

Caso mais curioso ocorreu no Rio Tavares, onde a transação de terras teve início no Irasc e terminou no órgão sucessor, a Colecate, que assumiu a administração das terras devolutas entre 1978 e 1980. Segundo os registros levantados por Gert Schinke, a Associação Jardim Rio Tavares, formada por 68 professores universitários e um servidor da UFSC, adquiriu terras distribuídas para a reforma agrária com

a intenção de formar um loteamento.

O título da associação foi assinado em 1980 e na época o grupo pleiteou junto ao Estado o descumprimento da cláusula 4ª do título, que vedava alienação fundiária por no mínimo cinco anos. O pedido não foi atendido, segundo o consultor-geral do Estado na época, Laerte Ramos Vieira, por considerar o processo como “estranha transação triangular”.

Estado quer ficar com documentos históricos

No último dia 21 de agosto, a Justiça Federal autorizou a apreensão dos 283 rolos de microfimes e das 300 caixas de documentos armazenadas no Ciasc (Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina) e na Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca. A operação deflagrou o primeiro passo da investigação sobre as denúncias apresentadas por Gert Schinke e que estão anexadas à Ação Civil Pública.

Segundo o procurador federal João Marques Brandão Neto, os documentos não estavam corretamente acondicionados e o objetivo agora é fazer a digitalização do material apreendido e disponibilizá-lo em um banco de dados público. “Esse trabalho deverá ser feito pelo Estado e pela SPU [Secretaria de Patrimônio da União], já que há relatos de que terras da União também estão

envolvidas. Alguns dos arquivos apreendidos datam do século 19. Este é um trabalho minucioso que também demandará tempo”, afirmou. Pretende-se também realocar a estrutura física dessas bases para recintos adequados, nos quais possam ser armazenadas segundo os critérios da legislação específica.

A Procuradoria-Geral do Estado promete recorrer da busca e apreensão no TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região) alegando que a ação inviabilizou a realização de diversos serviços públicos em Santa Catarina, como verificação de documentos para emissão de patrimônio, pesquisa sobre posse e propriedade e até mesmo pesquisas acadêmicas. O Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) determinou uma auditoria interna sobre a cadeia dominial das áreas.

Títulos de terras

Os números das concessões no Estado

DISTRIBUIÇÃO DE GLEBAS PELO ESTADO

- 16.055: Irasc (1962-1977)
- 421: Colecate (1978-1980)
- 27.759: Entre 1870 e 1960
- Total: 44.235

PROFISSÕES POR AMOSTRAGEM DECLARADAS NOS 44.235 PEDIDOS DESDE 1870

- Agricultores e pescadores: 18.490
- Militares: 5.325
- Funcionários públicos: 4.379
- Trabalhadores em serviço: 4.379
- Empresários: 2.920
- Profissionais liberais: 1.946
- Atividades domésticas: 1.946
- Empresários pecuaristas: 1.460
- Aposentados: 486
- Não declararam: 2.920

CIDADE	TÍTULOS	ANTES DO IRASC	IRASC E COLECATE
Blumenau	8.125	8.050	75
Palhoça	2.469	1.849	620
Tubarão	2.088	1.990	98
São Fco. Do Sul	1.831	1.558	273
Brusque	1.616	1.594	22
Mafrá	1.482	661	821
Nova Trento	1.420	1.056	364
Itajaí	1.346	1.192	154
Chapecó	1.130	736	394
Florianópolis	1.098	93	1.005

A Notícia e Diário Catarinense
Capa e Versar
"Cotidiano inovador"

Cotidiano inovador / Startups / SC / Jovens empreendedores / Antônio Costa / Aplicativos para eventos / Santa Catarina / Curso de Relações Internacionais / UFSC /



23 E 24 DE SETEMBRO DE 2017

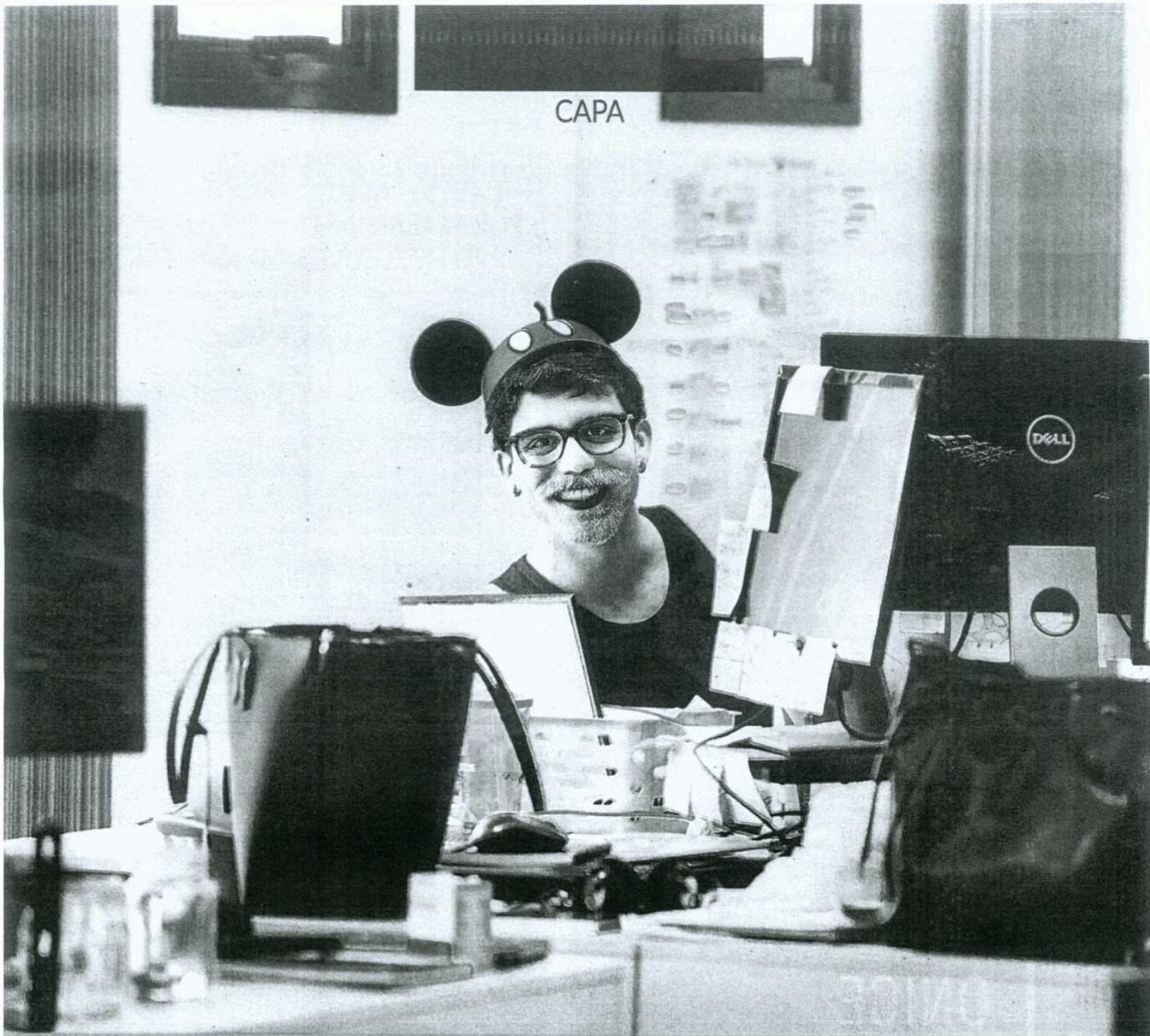
versar



MODELO DE NEGÓCIO

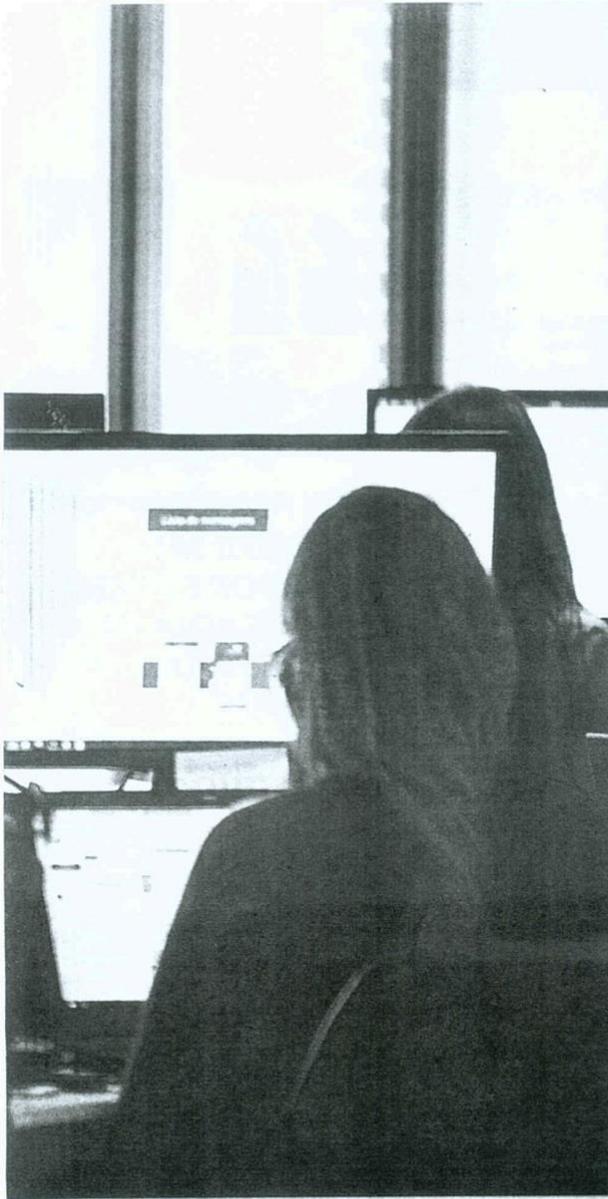
FANTASIADO, ANTHÔNIO COSTA REPRESENTA O
ESPÍRITO FLEXÍVEL E IRREVERENTE DO AMBIENTE DE
TRABALHO ENCONTRADO NAS STARTUPS CATARINENSES

CAPA



COTIDIANO

INOVAD



Às sextas-feiras, Antônio Costa costuma ir fantasiado ao trabalho

FELIPE CARNEIRO

PROFISSIONAIS DE DIFERENTES ÁREAS E IDADES - INCLUINDO PETS - OPTAM POR TRABALHAR EM STARTUPS COM PERFS FLEXÍVEIS E DINÂMICOS

TEXTO FERNANDA VOLKERLING | Especial

Em um prédio comercial do bairro Itacorubi, em Florianópolis, o segundo andar da Torre B é ocupado por duas salas amplas e bem iluminadas, nas quais a mobília é quase inteiramente formada por algumas bancadas coletivas, cadeiras giratórias e, claro, computadores. É nessas salas que funciona uma jovem empresa catarinense que desenvolve aplicativos para eventos e vem crescendo exponencialmente em um período de tempo muito curto – ou seja, uma clássica startup.

Clássica porque a denominação não é exatamente nova, e as definições se multiplicam. De acordo com um entendimento mais atual, uma startup é “um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza.” (Revista Exame, 2016). Ou seja, os tempos são outros, a era é digital e a guerra é pela informação a um touch de distância. Os clichês estão ratificados e gastos, mas uma velha profecia futurista ainda não se cumpriu: enquanto a máquina não substitui o ser humano, as startups ainda são um grupo de pessoas, e não estão apenas revolucionando o mercado em termos de inovações em produtos, mas transformando também os paradigmas que vinham norteando de modo hegemônico as relações e os ambientes de trabalho – entre seres humanos.

Santa Catarina abriga milhares dessas empresas, das que surgem hoje às que já estão estabelecidas no mercado, e Antônio Costa, 24 anos, é testemunha deste processo de transformação. Às sextas-feiras, ele costuma ir para o trabalho com alguma fantasia, cosplay ou acessório divertido com os quais se sinta à vontade e ao mesmo tempo possa expressar o lado mais lúdico de sua personalidade entre os colegas da empresa. Geralmente suas referências para a caracterização estão relacionadas ao universo nerd e à cultura pop, como Supermario (do videogame), League of Legends ou mesmo um par de orelhas do mundialmente conhecido Mickey Mouse, acompanhado de uma barba branca, batom preto e saltos altos – ou patins, que usa para ir de casa, no bairro Pantanal, até o trabalho. Impensável em uma repartição pública dos anos 1980 – ou na maioria dos escritórios tradicionais atualmente –, este não é um hábito aleatório.

Natural de Aracaju, no Sergipe, em 2014, Antônio veio para Florianópolis cursar Relações Internacionais na UFSC. Na capital catarinense, encontrou acolhimento, tanto pelas pessoas quanto pela proximidade com o mar, e na empresa – atuando no relacionamento com os clientes no pós-venda – conseguiu conciliar suas expectativas e valores com uma atividade profissional.

– Eu procurava um local que me permitisse trabalhar em função de algo que agregasse à sociedade, que tivesse uma entrega clara de valor não só material, mas interpessoal, social, um produto que não fosse biodegradante, que conseguisse juntar as pessoas e que fosse uma empresa na qual eu pudesse me encaixar – pontua Antônio, que também destaca a importância de poder expressar sua sexualidade no cotidiano do ambiente de trabalho.

– Como homossexual sempre tive receio de ter que ‘voltar pro armário’, e aqui o que ocorre é justamente o contrário. Tenho liberdade de ser quem eu sou, e isso é importante para o aspecto político da minha luta por visibilidade.

OR

● CICLO VIRTUOSO

Assim como muitas novas empresas estão se tornando mais abertas e dispostas a valorizar a individualidade de cada colaborador, o movimento inverso reforça esta tendência: tem gente preferindo trabalhar em empresas menores, mas que tenham perfis mais flexíveis e dinâmicos; que escutem a opinião dos colaboradores, em vez de reforçar a hierarquia a todo instante, como é padrão em muitas empresas tradicionais. Para essas pessoas, o prestígio das grandes corporações já não reina absoluto.

No mesmo prédio do Itacorubi, em Florianópolis, um andar acima, Rayra Castello Costa, 33 anos, atua na área de Customer Success de uma startup que trabalha com gestão de inovação em computação em nuvem e já é uma das maiores parceiras Google do Brasil. Na sala multicolorida, as mesas amarelas e os balões no teto contrastam com seu estilo cotidiano básico: toda-de-preto – o que descreve como praticidade. Com experiências profissionais anteriores, Rayra depõe a favor dos novos modelos de gestão e de funcionamento das empresas:

– Já passei por empresa com perfil mais conservador e posso dizer que aqui as pessoas se ajudam mais. Trabalho em equipe é o principal. Outra diferença é o ambiente integrado, que permite a proximidade entre todo mundo e a interação. Acho que quebrar paredes é uma tendência em empresas que se preocupam com o bem-estar do trabalhador – destaca Rayra, que nas horas livres gosta de ficar em casa, receber os amigos ou curtir um show do seu estilo musical favorito: o metal. Em janeiro, no seu aniversário, os colegas prepararam uma festinha muito especial, com decoração de Halloween, uma brincadeira com esse lado meio dark de Rayra, que ela adorou.

A pouco menos de 200 quilômetros dali, em Joinville, Eduardo Kruger faz questão de conciliar o trabalho com as outras atividades que considera importantes para a sua qualidade de vida. Aos 36 anos, ele acorda diariamente às 5h20min e sai para sua rotina de atividades físicas: academia e correr são as mais frequentes, mas sempre que pode faz trilha, vai à praia, faz sup ou surfa.

– Levei algum tempo pra perceber que é importante ter um equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, entre saúde física e mental. Então preciso que a empresa me permita isso, por exemplo com horários flexíveis – pontua Eduardo.

Trabalhando como desenvolvedor de um software de gestão de cobranças bancárias, ele não pretende ganhar o rótulo de workaholic – estilo de vida que considera ultrapassado. Além disso, também procura equilibrar o lado mais “nerd” do trabalho com atividades de lazer que não envolvam o computador: faz questão de não assinar Netflix e evita passar o final de semana no celular.

Além de colaborador, Eduardo tem uma participação no software – prática bastante comum, nas startups, de possibilitar que os funcionários sejam também investidores da empresa e de seus produtos. Na avaliação de Eduardo, isso garante ainda mais estímulo ao trabalho.

– Trabalhei em banco e empresas convencionais, e é legal o aprendizado, mas nesses espaços você tem um papel muito bem definido. Quando vai para uma startup, que é menor e precisa crescer, o envolvimento é bem maior. Eu gosto muito dessa ideia de fazer parte, e ter ações da empresa muda a forma como você encara as coisas no dia a dia – destaca.



Eduardo Kruger concilia o trabalho com uma rotina intensa de atividades físicas

MAYKON LAMMERHRT



FELIPE CARNEIRO

Rayra Castello Costa já ganhou festa de aniversário com tema Halloween

“
”
JÁ PASSEI POR EMPRESA COM PERFIL MAIS CONSERVADOR E POSSO DIZER QUE AQUI AS PESSOAS SE AJUDAM MAIS

RAYRA CASTELLO COSTA

AO PÉ DA LETRA

Se a inovação é a base da startup, seria até estranho se essas jovens empresas continuassem a reproduzir velhos conceitos, igualando trabalho a sofrimento e perpetuando memes de ojeriza às segundas-feiras. Trabalhar é um martírio necessário para se chegar ao final de semana? Não na empresa, localizada às margens da Via Expressa no bairro Capoeiras, região continental de Florianópolis, onde Aline Martins, 40 anos, trabalha. Ela se convenceu a deixar a carreira de fotógrafa autônoma para retornar à área de finanças, quando percebeu o perfil da empresa – que tinha tudo a ver com o seu. Com filho pequeno, sua prioridade era ter uma agenda profissional flexível, com horários que ela mesma pudesse escolher.

– Aqui é muito diferente. As empresas pequenas nas quais trabalhei anteriormente eram todas familiares, e empresa familiar geralmente tem uma visão mais careta e fechada. Já na multinacional era muita burocracia, o controle era de um grupo estrangeiro que ditava muita regras. As regras são importantes, mas lá elas não podiam ser de jeito nenhum modificadas. Aqui, na área de inovação e tecnologia, a gente é livre para opinar sobre melhoria de processo – compara Aline.

Um dos principais valores da empresa é a música, por isso a sede conta com instrumentos espalhados pelas salas e até um mini palco para pequenos shows durante os happy hours. Além disso, piscina de bolinhas, pufes, um ambiente descolado e uma gestão que valoriza a individualidade de cada envolvido fazem com que o tempo passado no trabalho seja muito mais prazeroso. O resultado é que não só Aline consegue ter mais tempo livre para se dedicar ao filho, mas é o pequeno, de seis anos, quem adora visitar o trabalho da mãe.



Aline Martins deixou a carreira de fotógrafa para trabalhar em uma startup

DIORGÊNES PANDINI

FUNCIONÁRIOS DO MÊS



O bulldog francês Lafy é mascote da empresa que desenvolve aplicativos para eventos

FELIPE CARNEIRO

Duas ou três vezes por semana, Lafayette acorda cedo, toma o café da manhã e vai para o escritório, onde tem trânsito livre – até mesmo os funcionários da portaria já lhe reconhecem. Na sala, cumprimenta todo mundo – os preferidos merecem um entusiasmo especial. Durante a manhã de trabalho, recebe vários chamados, muitos dos quais são ignorados, pois está ocupado com sua atividade favorita: dormir. Dono do cargo de Dog Relationship Manager, o bulldog francês preto, de orelhas sempre em pé, interage com colegas animais e humanos – preferindo os primeiros, principalmente se forem formigas. Na hora do almoço, compartilha o momento com os demais na copa da empresa que desenvolve aplicativos para eventos. Pela tecnologia, Lafy, como é chamado pelos colegas, não tem o menor interesse, o que não impede que sua agenda esteja sempre recheada de atividades estimulantes. Geralmente, passa as horas do expediente entre seguir seu dono e receber afagos da equipe. A meta desse mês já está quase batida: de acordo com o contador oficial da empresa, já foram mais de três mil carinhos recebidos.

Em uma empresa que trabalha com hospedagem de sites, Mel é conhecida por ser organizada e agilizada. Logo que chega, arruma a mesa e organiza as pendências. Depois de ambientada, dá pulinhos pela sala para cumprimentar os colegas. Tímida, a coelha não é muito expansiva no que se refere a interagir com outros animais, mas também não quer passar despercebida: esfrega seu queixo em todos cantinhos e pessoas para marcar território. Além de brincar com o mascote da empresa, sua atividade favorita no escritório é roer os fios dos computadores – nada que a equipe técnica, munida de fita isolante, não arrume. No fim do expediente tem a sensação de dever cumprido: mais sorrisos e agradãos para o seu relatório mensal. **V**

Diário Catarinense

Capa e Notícias

“Economia dá sinais de retomada em SC”

Economia dá sinais de retomada em SC / ICMS / Secretaria da Fazenda de Santa Catarina / Crise econômica / João Rogério Sanson / Almir Gorges / Renato Lacerda / Tribunal de Contas do Estado / Saúde / Despesas / Gastos / Federação da Indústria do Estado de Santa Catarina / Fiesc / Glauco José Côrte / Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado de Santa Catarina / Fecomércio-SC / Bruno Breithaupt / Desemprego / UFSC / Brasil / Raimundo Colombo

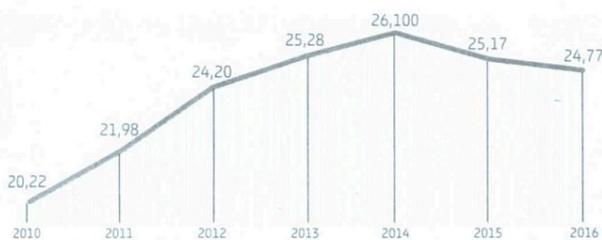
FINANÇAS PÚBLICAS

Aumento da arrecadação injeta fôlego nas contas de SC

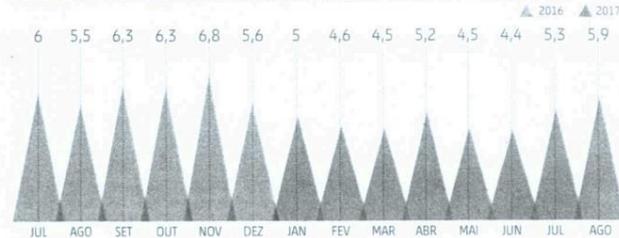
Após sequência de meses ruins, exportações, importações e produção industrial crescem e impulsionam o ICMS, maior fonte do Estado

Notícias | 10 a 12

EVOLUÇÃO DA RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (EM BILHÕES DE R\$)



TAXA DE CRESCIMENTO DA RECEITA CORRENTE LÍQUIDA ACUMULADA NOS 12 MESES (EM %)



ECONOMIA DÁ SINAIS DE RETOMADA EM SC

NO ACUMULADO DE 12 meses,

arrecadação do ICMS teve alta impulsionada por exportações, importações e produção industrial após sequência de meses no vermelho. Governo projeta fim de 2017 e um 2018 mais tranquilos

VICTOR PEREIRA
victor.pereira@somossc.com.br

O cenário ainda é de cautela, mas a Secretaria da Fazenda de Santa Catarina afirma oficialmente que o pior da crise econômica já passou no Estado. Com números que mostram a retomada da economia e indicadores que ainda demandam preocupação, o governo prega uma gestão fiscal rígida para manter as contas em dia e minimizar o risco de nova piora do cenário. Entre entidades do setor produtivo, o sentimento é semelhante: a recuperação é lenta e precisa de mais consistência, mas deixou de ser uma mera expectativa.

São dois os principais índices que reforçam a melhora ainda tímida nas finanças. O primeiro é o balanço da receita corrente líquida real de 2016, que fechou com o pior desempenho desde 2012. O outro é que há três anos seguidos a evolução percentual da receita é menor do que a variação percentual do gasto com pessoal e encargos sociais.

Por outro lado, indicadores importantes na medição do desenvolvimento econômico catarinense ganharam fôlego nos últimos meses, projetando um fim de 2017 e um 2018 um pouco mais tranquilos. O crescimento acumulado em 12 meses da arrecadação com ICMS ganhou força principalmente a partir de dezembro de 2016 e vence a inflação desde abril. Em agosto, os números fecharam com 14,2% de acréscimo. As exportações, importações e produção industrial, embora ainda

longe do ideal, voltaram aos números positivos após uma sequência de meses no vermelho.

– Conseguimos vencer o período mais duro da crise. Os números começam a mostrar a tendência de retomada, porém não será rápido voltar aos patamares anteriores. Antes é preciso recuperar as perdas acumuladas – alerta o secretário da Fazenda, Almir Gorges.

ECONOMISTA PREVÊ MAIS CRESCIMENTO

O mestre em Desenvolvimento Econômico e doutor em Economia pela Universidade Vanderbilt (EUA) João Rogério Sanson avalia que o Estado tem um comportamento um pouquinho diferente do resto do país. As exportações começaram a reagir há alguns meses e como aqui elas são bastante importantes no PIB, isso fez com que o Santa Catarina saísse à frente em relação ao Brasil. Ele reforça que o ritmo ainda é bastante baixo, mas que as últimas avaliações apontam que 2018 será bem melhor.

– Há razão para um pouco de otimismo, mas também tem seus riscos políticos no ar, que afetam todo o país. Os empresários ainda não investem muito porque não têm muita capacidade, porque o consumo está crescendo mas não o suficiente para sustentar a retomada do investimento. As chances são boas. Em 2018, devemos ter um pouco mais de crescimento. Estávamos embaixo d'água, quase nos afogando, e agora já conseguimos colocar o nariz para fora.

Há razão para um pouco de otimismo, mas também tem seus riscos políticos no ar, que afetam todo o país. Os empresários ainda não investem muito porque não têm muita capacidade.

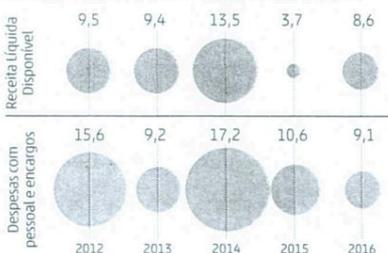
O consumo está crescendo, mas não o suficiente para sustentar a retomada do investimento. As chances são boas.

JOÃO SANSON
Doutor em Economia

É preciso enxugar mais e mais. Onde houver oportunidade, precisamos fazer com menos recursos. A parte mais difícil é sensibilizar o conjunto de gestores, já que todas as áreas têm sua importância inquestionável. Mas, em nossa casa, se os recursos não são suficientes para tudo, priorizamos alimentação e saúde. Essa é a ordem no Estado também.

ALMIR GORGES
Secretário de Estado de Fazenda

TAXA DE CRESCIMENTO DA RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL X DESPESAS COM PESSOAL E ENCARGOS (EM %)



PIB

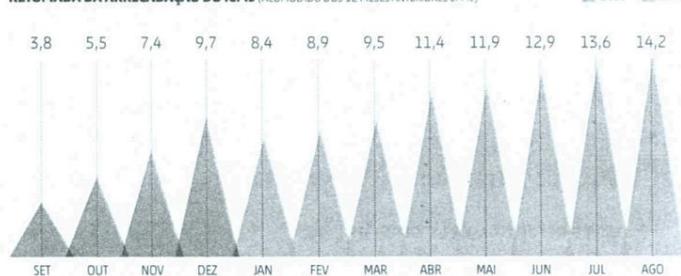
ESTIMATIVA DE SC EM 2017
alta de 1%

ESTIMATIVA DO BRASIL EM 2017
alta de 0,5%

ESTIMATIVA DE SC EM 2018
alta de 3%

ESTIMATIVA DO BRASIL EM 2018
alta de 1,3%

RETOMADA DA ARRECAÇÃO DO ICMS (ACUMULADO DOS 12 MESES ANTERIORES EM %)



EVOLUÇÃO DA ARRECAÇÃO MENSAL EM 2017 (EM BILHÕES DE R\$)



Sem sinais de fôlego na saúde

Se de forma geral o pior da crise já passou por SC, na saúde a retomada ainda está longe de apresentar sinais vigorosos. A própria situação financeira do Estado nos últimos anos, reflexo do cenário nacional, é apontada como principal motivo das dificuldades, mas a judicialização e problemas de planejamento também são considerados agravantes pela Fazenda.

Conforme mostram os dados orçamentários estaduais, a arrecadação de 2016 fechou com valores abaixo dos de 2013. Essa perda de quatro anos na economia, aliada aos custos crescentes com medicamentos, procedimentos, infraestrutura e pessoal, gera um efeito cascata que afeta a relação repasses versus despesas com a saúde.

- A despesa vai subir e a receita não. Precisa de cortes mais profundos e tomar decisões delicadas de priorizar entre serviço A e serviço B, sem por exemplo poder deixar de pagar folha de pagamento de ninguém. A gente previu uma receita, mas a crise foi tão grave que baixou minha arrecadação para o nível de 2013. Mas estamos saindo da recessão e 2018 vai ser um ano bem melhor que esse, se Deus quiser - diz o secretário adjunto da Fazenda, Renato Lacerda.

A judicialização entra na conta do problema por serem cobrados valores impossíveis de calcular com precisão quando o orçamento é elaborado. Além disso, a crise também levou cerca de 25 mil pessoas a deixarem planos de saúde, segundo estimativas da Fazenda, que se tornam potenciais novos pa-

cientes da rede pública.

No fim de 2016 o Tribunal de Contas do Estado apontou ainda que R\$ 231 milhões em despesas do ano passado passaram para 2017 por pagar. Com isso, a cada repasse mensal da Fazenda para a saúde, parte do dinheiro vai primeiro para pagar a dívida antiga.

- Por exemplo, se a saúde recebeu R\$ 85 milhões em janeiro, primeiro ela pagou alguma dívida lá de outubro ou novembro, em fevereiro pagou uma de dezembro. Então, parte das despesas dos próprios meses de janeiro e fevereiro foram rolando para frente, porque o primeiro dinheiro que entrava ia para pagar o passivo. E a saúde não pode parar os serviços até quitar toda a dívida de 2016, as despesas continuam ocorrendo - explica Lacerda.

CENÁRIO DE DÍVIDAS NÃO PODE SE REPETIR

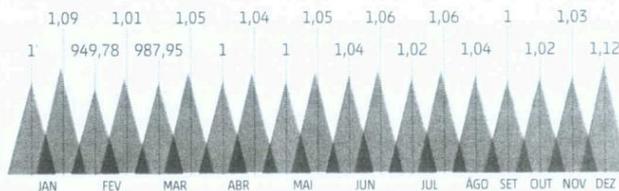
Nesse contexto, algumas falhas de gestão também são admitidas. O adjunto da Fazenda reforça que a principal meta é evitar que o cenário de despesas por pagar se repita para 2018, e que para isso o trabalho de gerenciamento é fundamental.

- Quando é feito o orçamento no ano anterior, o gestor (de cada área) sabe quais os valores para o ano seguinte. Tem que fazer as despesas caberem dentro do orçamento. A saúde hoje faz um bom trabalho de gestão, de revisão de contratos, diminuição de gastos para fechar o ano pagando as despesas em dia. Fazer economia no que é possível, sem prejudicar os serviços - declara.

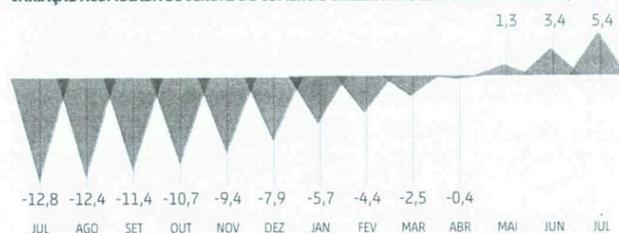
VARIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NA COMPARAÇÃO COM 12 MESES (EM %)



GASTOS COM PESSOAL E ENCARGOS (EM BILHÕES DE R\$)



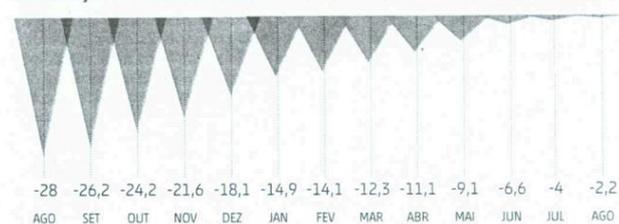
VARIÇÃO ACUMULADA DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA NO 12 MESES ANTERIORES (EM %)



TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL ACUMULADA NOS 12 MESES ANTERIORES (EM %)



RECUPERAÇÃO NA VENDA DE VEÍCULOS NOVOS ACUMULADA NOS 12 MESES ANTERIORES (EM %)



TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA NOS 12 MESES ANTERIORES DO EMPREGO (EM %)



TAXA DE CRESCIMENTO DAS IMPORTAÇÕES ACUMULADA NOS 12 MESES ANTERIORES (EM %)



Fiesc e Fecomércio têm expectativas otimistas

A Federação da Indústria do Estado de Santa Catarina (Fiesc) acredita em perspectivas melhores para 2018 e concorda que o Estado é um dos que dá sinais mais forte de retomada, mas defende uma atuação mais forte do governo federal para garantir consistência nesse processo.

— O que gera emprego, o que dinamiza a economia, são os investimentos. Nisso o governo está muito lento. O presidente, logo no início, quando assumiu efetivamente o governo, anunciou um programa de privatização, um programa de parcerias público-privadas, com algumas concessões de investimento, sobretudo, na infraestrutura. E isso ainda não foi cumprido

— pondera o presidente da entidade, Glauco José Córte.

No comércio e serviços, a projeção também é de avanços no ano que vem. O presidente da Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado de SC (Fecomércio-SC), Bruno Breithaupt, ressalta que a volta da confiança do consumidor é fundamental nesse panorama de crescimento vagaroso:

— Ainda vivemos um cenário crítico, sem investimentos e contratações, mas a confiança começa a voltar timidamente. A taxa de desemprego começou a reverter no início deste ano e setores como indústria e serviços estão criando vagas.

MEDIDAS TOMADAS PELAS SECRETARIAS

Algumas secretarias tomaram providências para enxugar ainda mais:

MENOS COMBUSTÍVEL E CAPACITAÇÃO NO TURISMO, CULTURA E ESPORTE

• Mantém eventos, programas constitucionais e o calendário oficial, como as competições da Fesporte ou o edital Elisabete Anderle, da Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Internamente teve redução em capacitações, consumo de combustíveis, com terceirizados e repasses a municípios. A secretaria busca recursos externos, principalmente do Ministério do Turismo.

ATIVIDADES ESSENCIAIS NA AGRICULTURA

• Está racionalizando despesas preservando atividades essenciais como os serviços de pesquisa agropecuária, extensão rural, defesa agropecuária animal e vegetal e fomento.

REFEIÇÕES NA EDUCAÇÃO

• Optou pelo controle dos gastos públicos. Foi criado o Plano de Ofertas Educacionais (POE) com articulação entre municípios para otimizar os gastos em educação e o Sistema de Controle da Merenda Escolar, com a implantação de contagem automática das refeições servidas aos alunos. Estimativa é economizar até 10% na alimentação escolar. Em 2016 o valor gasto foi R\$ 130 milhões. A secretaria ainda busca recursos adicionais para apoiar projetos educacionais.

CORTE NO PLANEJAMENTO

• O principal corte, conforme o setor financeiro da secretaria, foi de R\$ 1.226.196,49 do orçamento repassado à Secretaria da Saúde. Para 2018, prevê redução orçamentária de R\$ 1.516.152.

“Não será rápido voltar aos patamares anteriores”

ENTREVISTA: ALMIR GORGES

Secretário de Estado da Fazenda

Com base nos indicadores da economia de SC, é possível afirmar que o pior da crise já passou?

Sim, conseguimos vencer o período mais duro da crise que arrasou as finanças de vários outros Estados. Os números começam a mostrar a tendência de retomada, porém não será rápido voltar aos patamares anteriores. Antes é preciso recuperar as perdas acumuladas.

O que precisa ser feito para manter as contas sob controle até o fim do ano e para 2018?

É preciso enxugar mais e mais. Onde houver oportunidade, precisamos fazer com menos recursos. A parte mais difícil é sensibilizar o conjunto de gestores, já que todas as áreas têm sua importância inquestionável. Mas, em nossa casa, se os recur-



mos não são suficientes para tudo, priorizamos alimentação e saúde. Essa é a ordem no governo do Estado também. A sensibilização está maior nesse sentido, mas ainda é possível cortar mais. Um movimento importante se desenha nos bastidores, por meio do programa Estado na Medida. Estamos trabalhando na mensuração do Estado, com um time de especialistas do governo e da UFSC. Em breve, começarão a aparecer os primeiros resultados, que certamente serão referência para o Brasil.

A partir de 2018, o pagamento dos empréstimos contraídos nos últimos anos não vai pesar demais nas contas?

A dívida está longe de ser o problema das contas do governo. Não se compara, por exemplo, ao que pagamos em folha e previdência. Em 2011, quando o Raimundo Colombo assumiu, o estoque da dívida de SC era de R\$ 11,8 bilhões. De janeiro de 2011 a julho de 2017, o Estado contraiu mais R\$ 8,4 bilhões em novos empréstimos.

No entanto, nesse mesmo período foram pagos R\$ 12,1 bilhões em dívidas, mostrando a capacidade do governo em honrar compromissos. O Estado tem um dos menores comprometimentos da receita com dívida: 39,68%. O limite determinado pela Lei de Responsabilidade Fiscal é de 200%. Historicamente, o endividamento do Estado vem caindo. O governo entende que paralisar investimentos em momentos de crise não é uma boa. Se o Estado tem capacidade para absorver novos empréstimos, não deve abdicar da responsabilidade em promover o desenvolvimento e, logo, a geração de emprego e renda. Caso contrário, estará contribuindo para acirrar a crise econômica.

Quais as perspectivas para 2018?

A tendência é de uma recuperação cada vez mais sólida para SC porque resistimos ao pior momento sem aumentar impostos, diferente do que fizeram mais de 20 Estados. Por conta disso, ficamos mais atrativos

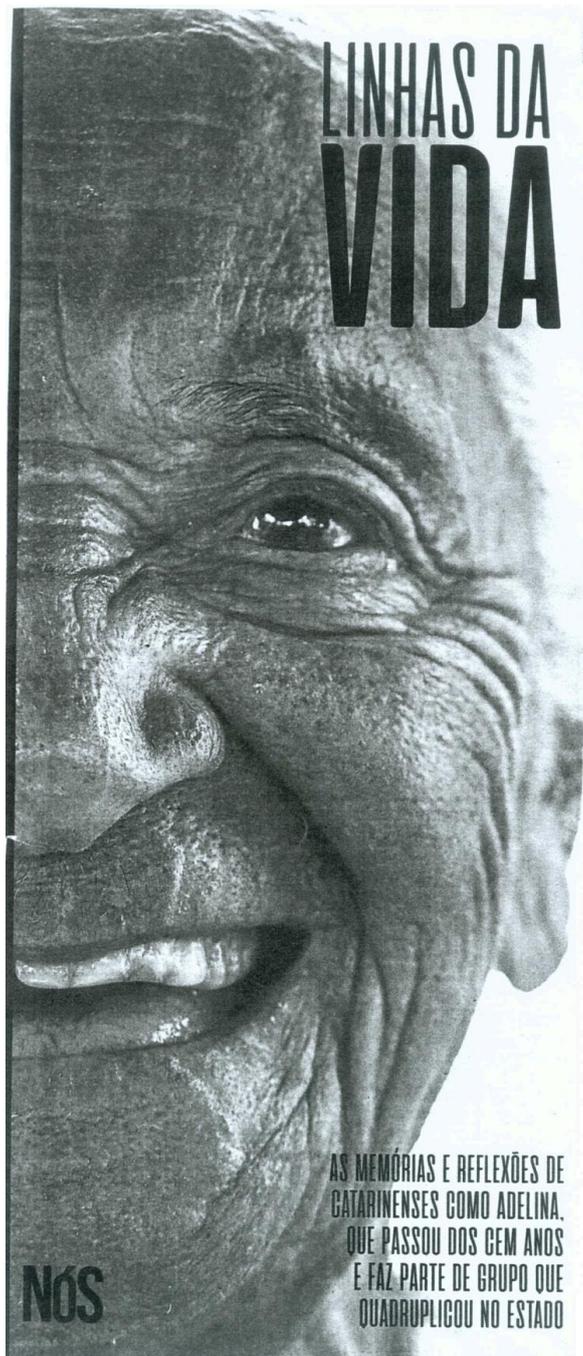
aos investimentos privados. Além disso, os novos financiamentos nos permitirão dar continuidade ao desenvolvimento e fomentar a geração de emprego e renda.

A situação da saúde parece ser um caso pontual. É isso mesmo?

A saúde é o ponto mais sensível numa crise. Muitas pessoas deixam os planos privados e migram para os serviços de saúde pública. Além disso, o Estado enfrenta o problema crescente da judicialização de medicamentos, que é polêmico, pois tira de um para dar a outros. De outro lado, os repasses à área vêm crescendo bastante, geralmente ultrapassando os percentuais obrigatórios por lei. Mas os recursos não crescem no mesmo ritmo das demandas. Não conheço a fundo o funcionamento da gestão interna da área, mas as dívidas já vinham se acumulando antes da crise — que fez piorar sensivelmente o quadro. Temos buscado receitas de todas as maneiras possíveis. A ordem é priorizar a saúde.

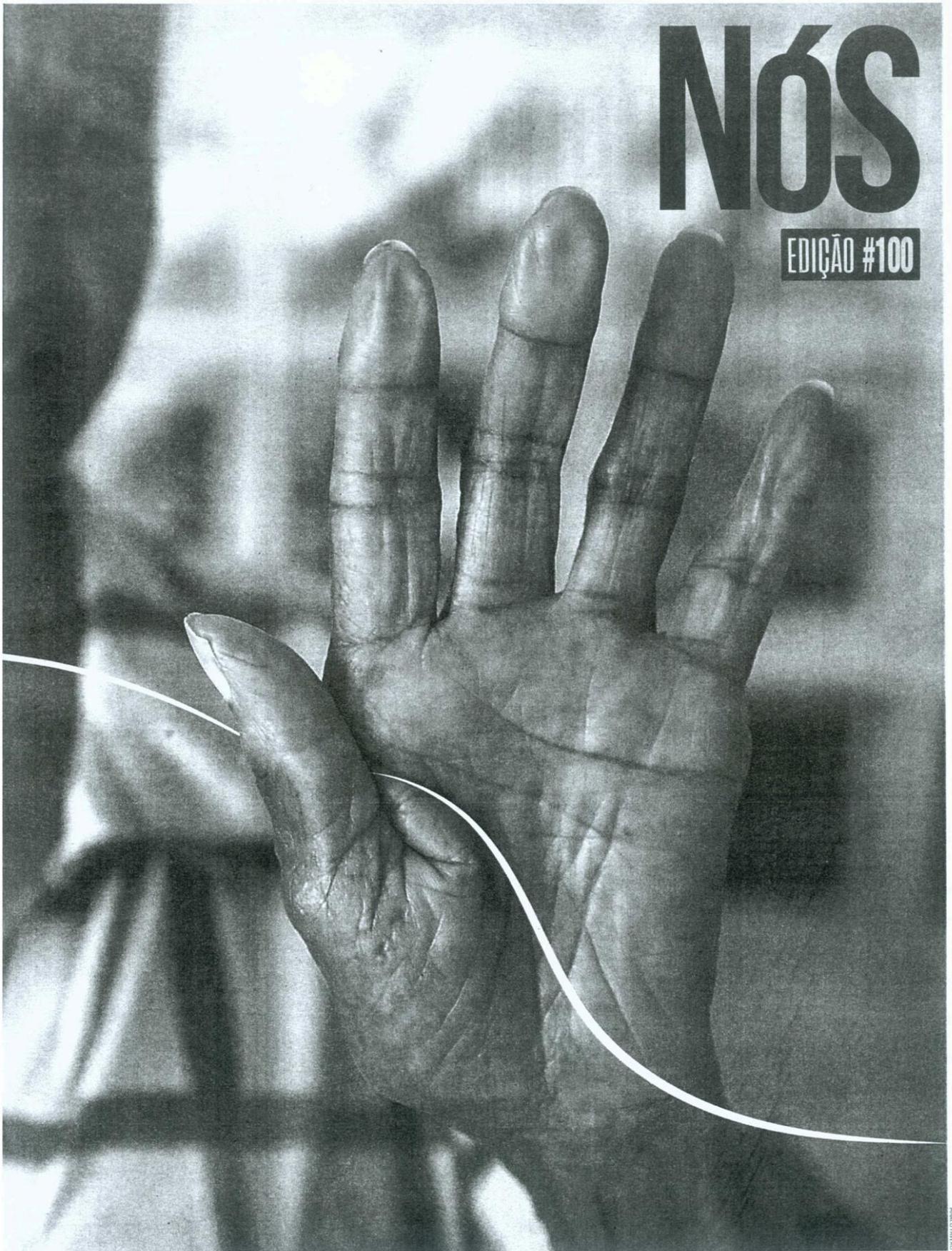
Diário Catarinense
Capa e Nós
"Um acordo com o tempo"

Um acordo com o tempo / Envelhecimento / População acima de 90 anos /
IBGE / Políticas Públicas / Laboratório de Gerontologia / Udesc /
Universidade do Estado de Santa Catarina / Centenários Catarinenses /
Giovana Zarpellon Mazo / Longevidade / Expectativa de Vida / Universidade
Federal de Santa Catarina / UFSC / Feirinha



NÓS

EDIÇÃO #100



UM ACORDO COM O TEMPO

ULTRAPASSAR A BARREIRA DOS 100 ANOS É UMA REALIDADE CRESCENTE EM SANTA CATARINA, ONDE A POPULAÇÃO ACIMA DE 90 ANOS QUADRUPLICOU ENTRE 2000 E 2017 – O MAIOR AVANÇO DO PAÍS DE ACORDO COM O IBGE

REPORTAGEM

KARINE WENZEL | karine.wenzel@somosnsc.com.br

FOTOGRAFIA

MARCO FAVERO | marco.favero@somosnsc.com.br

Se as mãos guardam a linha da vida, nas palmas de Adelina, Nilda e Octávio o traçado parece não encontrar fim. Com mais de 100 anos, acumulam marcas e histórias. Se antes tramavam rendas de bilro, agora estão cobertos de rugas. As que agilmente despachavam documentos, completam o caça-palavras. Aquelas que entalhavam madeira, empurram a cadeira de rodas. Contrariam as estatísticas, são sobreviventes. Reclamam por envelhecer, mas esperam que essa linha continue se alongando.

Os centenários ainda são raros no Estado – no levantamento mais recente feito pelo IBGE, eram 405 –, mas a tendência é isso mudar nos próximos anos. Eles fazem parte da faixa etária que mais cresceu em Santa Catarina entre 2000 e 2017. No início do milênio, eram 5,2 mil pessoas acima de 90 anos. Neste ano, o número quadruplicou – o que representa o maior avanço do país no período.

Diante dos desafios de pensar em políticas públicas para esse grupo em ascensão, o Laboratório de Gerontologia da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) iniciou um estudo para mapear como vivem os centenários catarinenses. O levantamento na Grande Florianópolis, primeira etapa do projeto que será ampliado para todo Estado, foi concluído em 2017, depois de dois anos de pesquisa. Foram entrevistados 58 idosos na região e alguns dados importantes já despontaram: 70% são mulheres, o que, segundo os pesquisadores, pode estar relacionado ao maior cuidado com a saúde, e 39,6% nunca estudaram. Apenas 15,5% são totalmente independentes e 96,5% têm cuidador, geralmente netos ou sobrinhos. A coordenadora da pesquisa, Giovana Zarpellon Mazo, defende que a capacitação dos cuidadores é um dos desafios apresentados pelo levantamento:

– Devemos dar voz ao idoso, informar sobre como prestar melhores cuidados, ter mais atenção afetiva. A família tem que estar preparada, mas deve manter a autonomia e a independência.

A doença mais incidente é a incontinência urinária

(43,9%), seguida pela hipertensão arterial (36,8%). A pesquisadora Inês Amanda Streit destaca que são poucos registros de doenças como artrose e diabetes, também comuns na velhice e que, em geral, eles quase não precisam de remédios. Apesar disso, a maioria dos centenários (77,4%) apresenta algum comprometimento cognitivo, mesmo sem diagnóstico. O gerontólogo Alexandre Kalache, que foi diretor do Programa Global de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), reforça que, acima dos 85 anos, 40% das pessoas têm alguma forma de degeneração cognitiva e essa proporção aumenta nos anos seguintes:

– É o preço que se paga pela longevidade. O risco de você vir a ser dependente, sobretudo pelas doenças degenerativas, é muito grande.

A professora da Unicamp Anita Liberalesso Neri, autora de pelo menos 20 livros sobre envelhecimento, acredita que as pessoas ainda enxergam a velhice com preconceito e não sabem lidar com as mudanças que anunciam o declínio:

– A gente não vê a velhice como algo natural, porque no final dela existe a morte e o ser humano lida mal com a ideia da mortalidade.

Anita acredita que o processo é longo para mudar o prisma pelo qual as pessoas enxergam a velhice e passa pela conquista de qualidade de vida nesta fase. Genética à parte, uma longevidade saudável está relacionada principalmente aos hábitos adotados ao longo da vida. Uma boa alimentação e exercícios físicos, por exemplo, podem garantir anos ativos na velhice. Kalache defende que o primeiro passo é planejar a trajetória como se estivesse em uma maratona e não em uma corrida de 100 metros como antigamente, quando se vivia menos. Para perseguir a longevidade, o gerontólogo defende que é preciso ter alicerces bem estruturados na saúde, em conhecimento, no convívio social e em recursos financeiros. Além disso, a resiliência aparece como uma característica comum aos centenários.

– É difícil alguém ter chegado aos 90 anos sem ter experimentado perdas. Resiliência é a palavra-chave, porque pancadas, perdas de status, afetivas, financeiras, fazem parte e é fundamental ter as bases para continuar a vida com qualidade.

Kalache faz a comparação com uma flor de plástico: pode ser esmagada com toda força, mas se recupera e volta à forma original. Talvez com mais rugas e dores, mas ainda capaz de florir.



A GENTE NÃO VÊ A VELHICE COMO ALGO NATURAL, PORQUE NO FINAL DELA EXISTE A MORTE E O SER HUMANO LIDA MAL COM A IDEIA DA MORTALIDADE

ANITA LIBERALESSO NERI
Pesquisadora da Unicamp



DESAFIOS EM LIDAR COM O ENVELHECIMENTO

Com ritmo acima da média geral, o crescimento da população acima dos 90 anos em Santa Catarina e no Brasil reforça a necessidade de uma sociedade e famílias mais preparadas para a velhice. Para se ter uma ideia, a estimativa é de que o número de centenários deve crescer 10 vezes no mundo, de cerca de 300 mil em 2011 para 3,2 milhões até 2050. O médico Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil, reforça que esse aumento é um fenômeno mundial:

- Isso, por um lado, é motivo de celebração e, por outro, tem implicações bem importantes para a projeção e planejamento de serviços e para a sociedade como um todo. Como dar suporte para um grupo da população com necessidades que são obviamente maiores do que entre aqueles que tem 60, 70 anos?

O especialista explica que o desafio é que o Brasil começou a envelhecer antes de enriquecer, ao contrário de outros países desenvolvidos, que foram envelhecendo gradualmente. Diante desse cenário, uma das maiores dificuldades é o cuidado dos idosos. Kalache lembra que antigamente era comum os avós não ultrapassarem os 60 anos. Além disso, as mulheres estavam mais disponíveis para serem cuidadoras, porque nem todas atuavam no mercado de trabalho.

- É uma demanda muito grande, as famílias não estão preparadas.

A professora da Udesc Giovana Mazo defende que, com famílias menores, a recomendação é que se amplie a rede externa de apoio a esse idoso, com grupos de convivência, por exemplo. Além de ser necessário aumentar o número de instituições de longa

permanência e centros com desenvolvimento de atividades e cuidados durante o dia. A educadora física Inês Amanda Streit acrescenta que o fundamental é encontrar o equilíbrio, porque o cuidado excessivo também pode fazer com que o idoso fique mais acomodado e menos independente:

- A qualidade dessa rede é o que importa, às vezes ela é menor, mas tem a questão da afetividade, que é o que o ajuda a viver mais feliz.

A professora do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp Anita Liberalesso Neri, no entanto, acredita que o período mais crítico deve vir daqui a alguns anos, quando a geração que teve menos filhos ou que nem se casou estará na velhice. Nestes casos, a sociedade terá de estar preparada para atender a essas necessidades, com serviços de habitação, transporte e bem-estar.

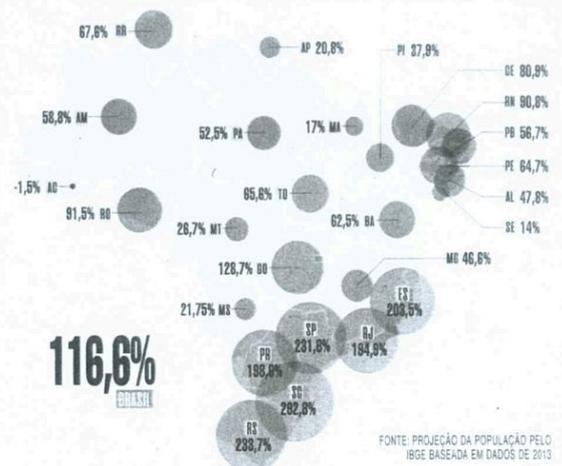
- Houve expansão real da expectativa de vida, mas ainda falta alcançar a condição da boa longevidade para a grande maioria. Esse é o maior desafio desse processo de envelhecimento - afirma Anita.

A pesquisadora reforça que a tendência é de que a população seja atingida por doenças associadas ao envelhecimento, como diabetes, hipertensão e artrite mais tarde. Isso adia a incapacidade e torna as pessoas mais longevas.

- Não adianta viver 80, 90, 100 anos com má qualidade de vida. Esses centenários são um milagre, são os sobreviventes de uma boa genética, de bons hábitos. Só informação não é suficiente para chegar aos 100. As pessoas precisam ter condições reais de acesso à nutrição de qualidade, acompanhamento médico e reabilitação.

BRASILEIROS MAIS MADUROS

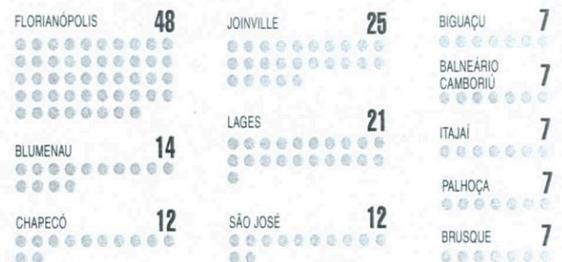
CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO ACIMA DE 90 ANOS DISPAROU NO PAÍS ENTRE 2000 E 2017



FONTE: PROJEÇÃO DA POPULAÇÃO PELO IBGE BASEADA EM DADOS DE 2013

CENTENÁRIOS EM SANTA CATARINA | 2010

NÚMERO DE PESSOAS COM MAIS DE 100 ANOS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO ESTADO



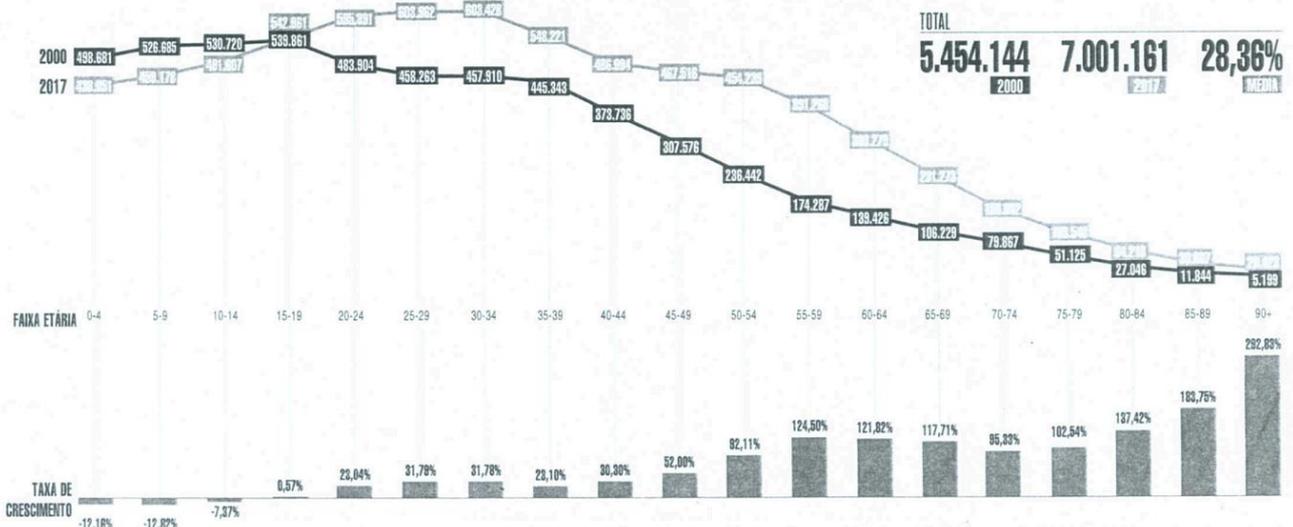
405 24.236

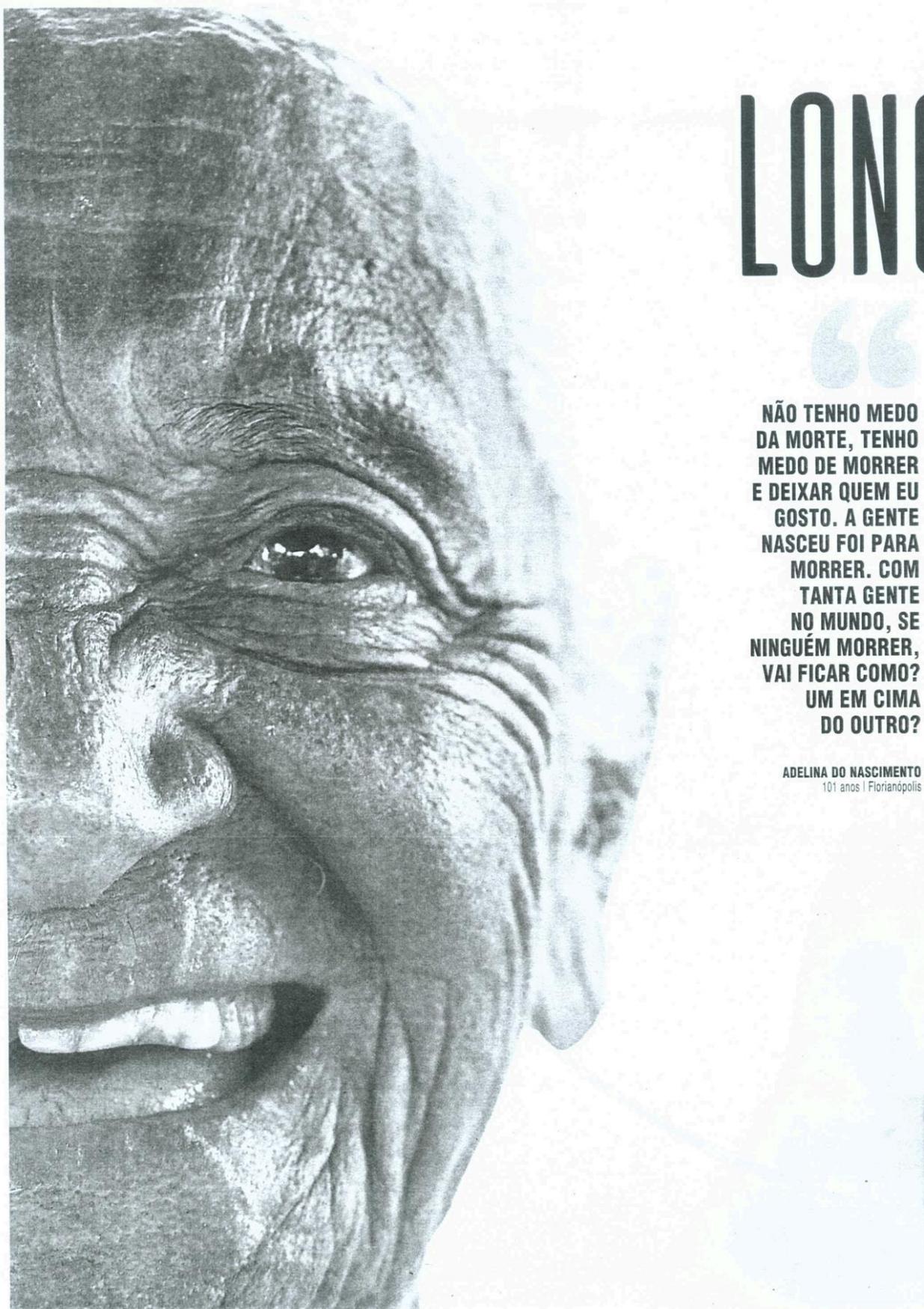
SANTA CATARINA BRASIL

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO DO IBGE DE 2010

EVOLUÇÃO POPULACIONAL CATARINENSE

ENQUANTO GRUPOS ETÁRIOS ABAIXO DOS 14 ANOS TIVERAM QUEDA, POPULAÇÃO ACIMA DOS 15 CRESCEU ENTRE 2000 E 2017





LONGO

“

**NÃO TENHO MEDO
DA MORTE, TENHO
MEDO DE MORRER
E DEIXAR QUEM EU
GOSTO. A GENTE
NASCEU FOI PARA
MORRER. COM
TANTA GENTE
NO MUNDO, SE
NINGUÉM MORRER,
VAI FICAR COMO?
UM EM CIMA
DO OUTRO?**

ADELINA DO NASCIMENTO
101 anos | Florianópolis

A CAMINHADA

— **O**s outros dizem “eu não vou em tal lugar porque é longe” aí penso “eu vou, gosto de ir”.

Assim, Adelina do Nascimento continua indo. Para todo lado. Atravessa Florianópolis de ônibus, mas às vezes, quando ele não aparece, ela vai a pé. Um dia desses não queria esperar. De chinelos de dedo e passinhos apressados, a senhora miúda saiu de casa no bairro Carianos para visitar uma irmã no Pantanal. Os seis quilômetros, com algumas subidas íngremes, não foram obstáculo para a manezinha de 101 anos.

As caminhadas fazem parte da rotina. Prova disso é que em uma pesquisa feita pela Udesc, ela somou 8 mil passos por dia – média considerada alta até para um adulto, dizem os pesquisadores. Andar de um lado para o outro já lhe rendeu alguns tombos, mas orgulha-se de nunca ter quebrado nenhum osso sequer.

Fica ainda mais difícil acreditar na idade avançada quando se conhece a rotina dela. Levanta às 5h, prepara o café e “procura o que fazer”. Lava e passa roupa, limpa o banheiro ou visita alguma das irmãs. Uma vez por semana ajuda a neta Maria Alayde, 61 anos, com quem mora, na feirinha da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na barraquinha de venda de salgadinhos e sucos naturais, ela ajuda a descascar laranjas. Em poucos minutos, as mãos ágeis enchem uma bacia com as frutas.

Adelina não dá folga para os cabelos brancos, admite que não sabe ficar parada. É acostumada ao trabalho duro desde nova, quando ajudava a família na Costa da Lagoa, lugar onde nasceu e que chama de roça. Filha de pescador, era com a renda de bilro que ajudava nas contas da casa. Depois lavou roupa para fora. Também trabalhou como empregada doméstica por muito tempo. Só na casa de Fúlvio Aducci, que foi prefeito de Florianópolis, governador de Santa Catarina e morreu em 1955, foram 18 anos. Nem lembra quando parou de trabalhar porque diz que “idade a gente não está contando”. Mas as lembranças denunciam o quanto já viveu. Quando jovem, já caminhava bastante. Naquela época, atravessava a ponte Hercílio Luz, ainda em construção.

Apesar de ter uma cirurgia marcada de catarata, usa apenas óculos para ler e escuta muito bem. Só toma um remédio por dia, o de pressão alta. Faz questão de controlar pessoalmente os horários dos comprimidos.

– Envelhecendo eu estou. Tenho cabelo branco. Também era mais gorda, mais forte, tinha outra aparência, de gente moça. Quando era mais jovem era melhor, não tinha cansaço para nada.

Apesar da idade, não parece estar cansada. Com frequência a pele negra marcada por rugas se rompe em uma gargalhada. Diz que tudo que quiser fazer, ela faz. Só tem uma

coisa que tinha vontade e não conseguiu: ir à faculdade. A centenária, que estudou só até a quarta série, queria frequentar as aulas para “conhecer a melhor parte da vida”.

Além da saúde, a idade traz outros fardos, como perder gente querida. Adelina lembra com tristeza da morte da irmã e quando perdeu o neto em um acidente de carro. Mas nem por isso se deixa abater. Em meio a gargalhadas, diz que valeu a pena chegar até aqui:

– Mesmo pobre, trabalhando, passando sacrifício, valeu. Tudo o que eu vi está bom, mas se vier coisa pior, não quero ver – brinca.

Tanta disposição e a memória em dia tornam Adelina um exemplo fora da curva. Ela sabe disso. Mas não consegue dizer o que fez para envelhecer tão bem. Apenas que foi a primeira da família a chegar tão longe. Diz que come de tudo, “menos pedra”. Gosta muito de Coca-Cola e toma uma cervejinha nas festas da família – são dois filhos, quatro netos, nove bisnetos e quatro tataranetos. A noite, não dispensa um hambúrguer.

– Tudo são alegrias, a tristeza a gente bota fora. Não tenho medo da morte, tenho medo de morrer e deixar quem eu gosto. A gente nasceu foi para morrer. Com tanta gente no mundo, se ninguém morrer, vai ficar como? Um em cima do outro?

E mais uma vez, Adelina solta uma de suas gargalhadas.



ENTALHES DOS ANOS

**"Ô LAURA,
COMO É LINDA A VIDA!
Ô LAURA,
COMO É GRANDE O AMOR!"**

Lançada em 1957 por Braguinha e Alcyr Pires Vermelho, a música *Laura* é uma das paixões de Octávio Francisco Pereira. Emociona-se quando a filha Marlene coloca a canção para tocar. Mas faz questão de dizer que o sentimento é apenas pela música. O nome da paixão de sua vida foi na verdade Maria, com quem esteve casado 67 anos. A esposa morreu em 2003, mas Octávio desvia do assunto. Depois de tanto tempo, ainda não gosta de falar sobre isso. O nordestino de 106 anos prefere lembrar o tempo na marcenaria. A memória leva Octávio com frequência para Pernambuco, onde nasceu e viveu as primeiras quatro décadas. Lá aprendeu sozinho o ofício e orgulha-se dos trabalhos feitos a mão.

— Comecei marceneiro, aprendi muito. Não tinha máquina naquela época, fazia tudo na mão. Não tinha um que me derrubasse.

É difícil mesmo derrubar Octávio. Desde 2015, ele precisou de cadeira de rodas, quando as pernas começaram a falhar. A visão se foi há duas décadas, vítima de uma doença autoimune que causa inflamação nos olhos. Quando morava com a filha Marlene, 68 anos, o passatempo era escutar rádio. Passava grudado com o aparelho e compartilhava as notícias que ouvia com a família. Hoje já não escuta tão bem e o radinho ficou de canto. Em 2012, foi diagnosticado com aneurisma da aorta abdominal, "mas nada que incomode". Apesar de tantos percalços, a saúde continua em ordem. Por dia, toma apenas sulfato ferroso, para tratar da anemia. Ele também não dispensa um cafezinho preto no meio da tarde.

No caso de Octávio, a longevidade é coisa de família. Ele não é o primeiro a alcançar a marca dos três dígitos. A avó e o irmão mais velho também chegaram ao centenário, mas dessa idade não passaram:

— Nem eu sabia o que era ter um século. O segredo é ser constante, não fazer o que os outros fazem. Eu não fumava, nem bebia e continuei trabalhando. É difícil e não é, não pode se comparar com outros que já passaram por nada. Depois de ter um século, é difícil manter, não pode abusar de nada.

E ele não abusa. Fala pausadamente e com sotaque ainda carregado de Pernambuco. Veio com a filha para Palhoça há poucos anos para ter uma velhice mais tranquila. Depois de um tempo, Marlene se viu sobrecarregada e doente e teve de procurar um lugar para que cuidassem do pai.

Desde maio, uma construção azul claro em meio à vegetação, com uma ampla varanda, é a nova morada de Octávio, em Santo Amaro da Imperatriz. Pelo menos duas vezes por semana familiares visitam o centenário. São cinco filhos, 11 netos e 10 bisnetos.

Sentado em sua poltrona cativa com a boina, ele logo reconhece pela voz quem o visita. Embora goste de ficar na instituição, reclama de envelhecer:

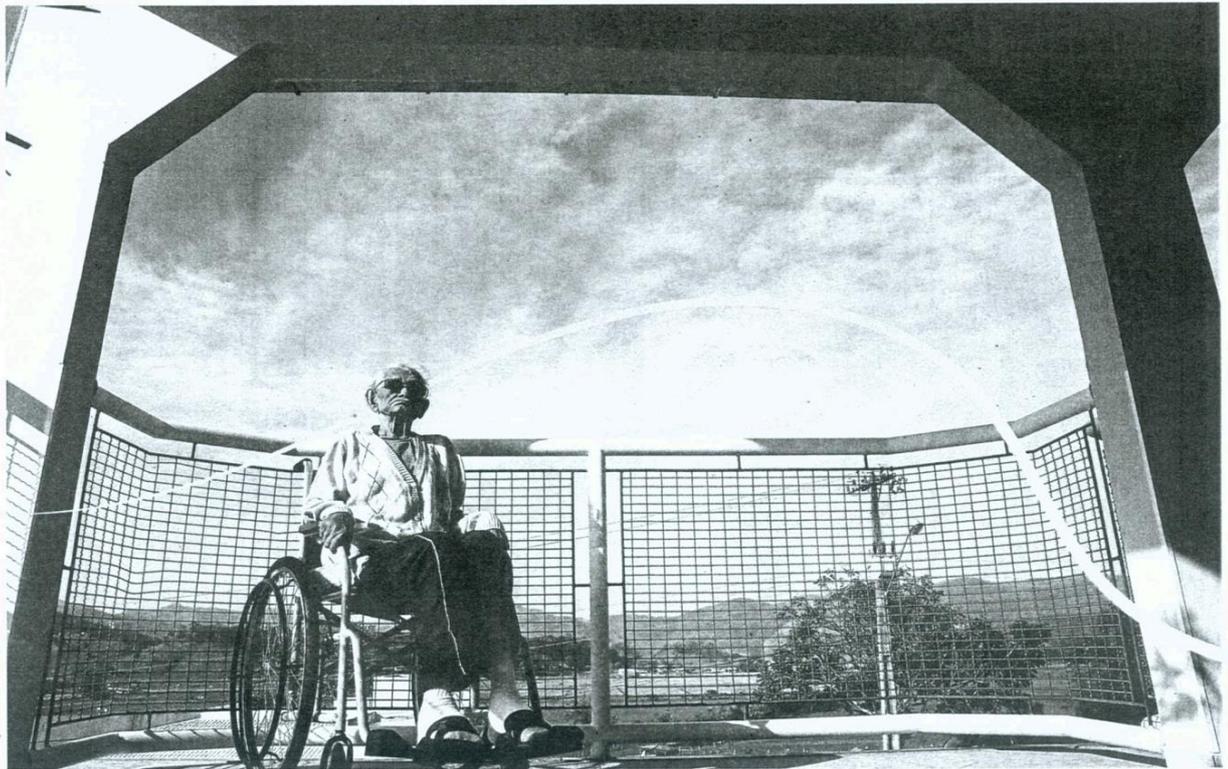
— Como pode ser bom perder as pernas, não conseguir mais fazer o que fazia antes? — questiona.

Ainda assim diz que não tem medo de "morte morrida, só da matada". Ao fazer as contas, planeja anos a mais:

— Fiz um balanço comigo e cheguei à conclusão que estaria satisfeito com 110 anos. Ficar velho é difícil, mas é impressionante.

**FIZ UM BALANÇO
COMIGO E
CHEGUEI À
CONCLUSÃO
QUE ESTARIA
SATISFEITO
COM 110 ANOS.
FICAR VELHO É
DIFÍCIL, MAS É
IMPRESSIONANTE**

**OCTÁVIO FRANCISCO
PEREIRA**
106 anos | Santo Amaro da Imperatriz



PASSATEMPO COM PALAVRAS

Entre 18 irmãos, Nilda Ulysséa Mattos era a mais doente. Não sabiam o que ela tinha, mas era muito frágil. Quando nasceu, a expectativa de vida era de cerca de 35 anos. Hoje, ela ri ao se dar conta que foi a única da família numerosa a viver um século. Além da catarinense, apenas um irmão, 13 anos mais novo, ainda está vivo. Prestes a completar 101 em outubro, Nilda diz que não sabe o que é envelhecer, porque ainda não chegou lá. Considera-se uma menina.

Mas a menina, aos poucos, sente o peso da idade avançada. Ela mora no 10º andar de um prédio no Centro da Capital e quase não sai de casa. No centenário, chegou a dançar uma valsa com o professor de ginástica, coreografia que passou meses ensaiando. Agora, precisa de ajuda para levantar e caminhar. Como mora apenas com a filha Nícia, 73 anos, e precisa de apoio extra, a solução foi contratar cuidadoras para ajudá-la à noite e nos fins de semana.

No entanto, a senhora franzina mantém algumas atividades. As aulas de ginástica são sagradas. Duas vezes por semana tem aulas com um instrutor em casa. Pedala, alonga-se e recebe massagem. Vaidosa, passa creme todos os dias. Recentemente cortou o cabelo branco bem curtinho, porque "sempre quis tê-lo assim". Até os 95 anos, tricotava e doava os conjuntos. Mas depois de cair e quebrar o punho, reclama que a mão não permite mexer com as agulhas. Ainda se arrisca a cortar algumas roupas, faz bainhas e conserta peças.

Apesar de ter dificuldade para escutar, os olhos azuis se mantêm ativos. Todos os dias lê jornal e passa horas preenchendo caça-palavras acompanhada das guloseimas favoritas: ela adora doces. Potes cheios de suspiros e paçocas ficam perto da poltrona de leitura. À noite, gosta de acompanhar os jogos de futebol. Mas para acordar cedo, a simpática senhora resiste. Confidência que sempre reclama e questiona se já está na hora de sair da cama. Levanta, toma banho com ajuda da cuidadora, veste-se e toma café. Depois, volta a dormir mais um pouco.

A memória continua preservada. Lembra da infância em Laguna, das festas que ia com o marido, que faleceu há 22 anos de infarto. Sempre gostou de ir a teatro, cinema e viajava bastante. Recorda com carinho das idas frequentes a São Paulo e ao Rio de Janeiro. Quando jovem, trabalhou com o pai na mercearia e depois no cartório do marido. Mais tarde, Nilda se aposentou por uma doença do coração e até hoje toma remédios - são nove comprimidos por dia. A lucidez não lhe permite esquecer a maior tristeza desse centenário de vida, a morte do filho caçula há 12 anos.

Ela acredita que mesmo com as perdas, o segredo está em ver "tudo de um jeito bom". Garante que não tem medo de nada, afinal são quatro pessoas cuidando dela. Diz que só se assusta com as notícias de malas cheias de dinheiro que ninguém sabe de onde vêm.

- Não tenho dor, tudo é bom. Deus é bom. Vou até os 103, porque como de tudo, não faço dieta e não me incomodo com nada - prevê.



**NÃO TENHO DOR, TUDO É BOM.
VOU ATÉ OS 103, PORQUE NÃO
ME INCOMODO COM NADA**

NILDA ULYSSÉA MATTOS
100 anos | Florianópolis



WALTER PEREIRA

MEMÓRIAS DA COLÔNIA

EVERTON SIEMANN
everton.siemann@somosnsc.com.br

Os olhos claros chamam a atenção. O sorriso é radiante. A audição e a memória podem não ser plenas como antes, falham às vezes, mas são compensados pelo jeito cativante. Sentada em um sofá na área de convívio comum da Casa São Simeão, um abrigo para idosos em Blumenau, Catarina da Costa, 100 anos, faz o que, segundo ela, mais gosta: observa.

- Os outros trabalham, eu só olho - diz, precedendo uma gargalhada contagiante.

Também pudera, a senhorinha que carrega três dígitos de idade já cumpriu sua parte na missão de ajudar a crescer e desenvolver a cidade, a região e o Estado. E como. Acompanhou os municípios do Vale do Itajaí se transformarem, deixando para trás os ares de colônia, avançando com o crescimento da indústria e se adaptando às exigências do mercado.

Natural de Brusque, a colona, como ela se autodenomina, fez a sua parte. Na terra plantou, colheu e aprendeu a viver. Casou, teve um casal de filhos e construiu a vida. Milho, feijão, taiá, batata e chuchu são algumas das verduras que se recorda de ter plantado. Muito antes da era das redes sociais ela já dava sentido ao verbo compartilhar, com todas as suas letras. A nora conta que Catarina distribuía os frutos das colheitas entre vizinhos e conhecidos.

O zelo pelos outros está na origem de Catarina. Ela gosta de conversar e contar histórias. E quantas. A maioria dos relatos é carregada de altruísmo, sempre com o outro em primeiro plano: auxílio em partos, distribuição de comida para crianças com fome, cuidado com pequenos... Verdadeiras lições.

- As crianças me amam. Sou madrinha de muita gente - afirma, orgulhosa.

Desde 2012, vive na casa São Simeão. Viúva há quase 40 anos, tem orgulho em dizer que "marido a gente só tem um na vida". Mãe de dois filhos, tem nove netos e dois bisnetos, que a visitam com frequência.

Catarina é motivo de orgulho. A nora conta que um dos bisnetos, de 15 anos, diz que "a bisavó é mais bonita do que a rainha da Inglaterra". A origem simples reflete-se no paladar. Afirma gostar de comer de tudo. Funcionários do abrigo e familiares divergem sobre os alimentos favoritos: banana, cenoura, ovo, polenta e doces estão na lista. Música é outra paixão de Catarina, que é fã de cantigas italianas. A assistente social da instituição conta que é comum ouvi-la cantarolando pelos corredores logo de manhã cedo. Há pouco tempo, quando representantes do Lira Circolo Italiano di Blumenau visitaram o local, contaram com um apoio especial.

- Ela cantou praticamente todas as músicas junto com eles - recorda a servidora.

Catarina não é santa, como a padroeira que dá nome ao Estado, mas a fé e a devoção cristã bem que fazem dela uma beata. Com a sapiência de quem já viveu tanto, aconselha para uma boa noite de sono:

- Reza a oração do Senhor Bom Jesus de Iguape. Vai dormir tranquilo - sentença, antes de declamar a oração, contando nos dedos das mãos cada estrofe da reza.

**AS CRIANÇAS
ME AMAM.
SOU
MADRINHA DE
MUITA GENTE**

CATARINA DA COSTA
100 anos | Blumenau

RODAS DO PASSADO

CRISTIANE SCHMITZ
cristiane.schmitz@somosnc.com.br

Os poucos metros que separam Camilo Zacarias Pereira do portão de casa, em Joinville, têm se tornado um percurso cada vez mais difícil. Manter o prazer de sentar-se perto da rua, olhar o movimento do bairro que viu surgir quando tinha “só duas valetas” e fumar cachimbo ficaram mais raros. Perto de completar 102 anos em 5 de novembro, a memória dele ainda é boa e a disposição para conversar, melhor ainda. São as pernas que traem essa disposição. Essa talvez seja a principal – e talvez única – reclamação com a chegada da velhice.

É na companhia da filha Alcenira, 66 anos, com quem mora há oito anos, que Camilo passa os dias tranquilamente. Conta que trabalhou desde os 14 anos, quando vivia com o pai e os oito irmãos na localidade de Poço Grande, hoje Guarimirim. De memória, acredita que frequentou a escola apenas por um ano. A filha corrige e lembra que, naquele tempo, faltavam muitos professores, e as aulas paravam e recomeçavam o tempo todo. A desistência também era muito grande. Mas Camilo sabe ler e escrever direitinho, garante, apesar de não ter o hábito da leitura. O trabalho diário no campo é a lembrança mais feliz do passado.

– Pintinho piando, porco berrando, é isso que eu gosto. Se eu pudesse ser novo de novo, era lá que eu queria estar – recorda.

A relação com os animais sempre foi muito forte: no sítio da família tinha de tudo (“menos bode, meu pai não gostava”, ressalta), e ele acordava cedo. A primeira coisa a fazer era lavar o rosto e seguir para o curral das vacas, onde tirava uma caneca de leite fresco e bem quentinho. Quem sabe aí more um pouco do segredo da longevidade de Camilo.

Muito festeiro na juventude, Camilo lembra que o pai era “muito boa pessoa” e sempre deixava um dinheirinho para as festas. O trajeto até os salões, é claro, era feito a cavalo, animal com qual Camilo sempre teve uma relação muito sentimental. Foram vários deles que o ajudaram no sustento da família, quando, já pai de três filhos, veio morar em Joinville há 66 anos e começou a profissão de carroceiro.

Os dias na cidade começavam indo até o terreno onde o cavalo passava a noite. Depois de alimentá-lo e encilhá-lo, às 7h, já estava no ponto de encontro dos carroceiros da região. Carregava de tudo: linhas de carretel de uma fábrica, lenha, barro, pequenas mudanças, o que viesse. Conheceu Joinville inteira sentado em uma carroça.

Sempre fez tudo sozinho, até perto de completar sete décadas, sem pedir ajuda aos oito filhos. Depois, passou alguns anos trabalhando no cuidado de cavalos de passeio. Quando parou de trabalhar, já tinha passado dos 80.

Camilo viu muita estrada de chão virar asfalto, e hoje, ao passar de carro, diz não conseguir reconhecer os lugares que passou, tamanha a transformação urbana.

“

QUERIA VIVER A VIDA NO SÍTIO MAIS UMA VEZ

CAMILO ZACARIAS PEREIRA
101 anos | Joinville

Ele vive com a filha Alcenira desde que ela ficou viúva. Porém, passa três finais de semana por mês na casa dos outros filhos. Eles se revezam e o levam para passear. Dos oito irmãos, apenas uma irmã, Amélia, ainda está viva, com 84 anos. A companhia de uma vida, Justina, se foi há 13, por complicações da osteoporose.

Apesar da idade, garante a filha, o pai não dá trabalho nenhum. Come de tudo, adora feijão com farinha, legumes. O que não entra no cardápio de jeito nenhum é ovo, seja frito ou cozido. Desde novo, não gosta de nada muito quente. E fuma o cachimbo desde os 20 anos. Não tem diabetes, colesterol alto, não precisa de dieta especial. Adora uma visita para conversar.

Questionado se teria algo ainda por fazer, só pensa em descansar. Hoje em dia, tem muito sono, conta. Mas queria voltar no tempo.

– Queria viver a vida no sítio mais uma vez.



NESTA EDIÇÃO

REPORTAGEM

KARINE WENZEL

karine.wenzel@somosnsc.com.br

CRISTIANE SCHMITZ

cristiane.schmitz@somosnsc.com.br

EVERTON SIEMANN

everton.siemann@somosnsc.com.br

EDIÇÃO

JULIA PITTHAN

julia.pitthan@somosnsc.com.br

DESIGN

CRIS MACARI

cristiane.macari@somosnsc.com.br

EDIÇÃO DE DESIGN E ARTE

ALINE FIALHO

aline.fialho@somosnsc.com.br

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

MARCO FAVERO

marco.favero@somosnsc.com.br

LUCAS CORREIA

lucas.correia@somosnsc.com.br

MAYKON LAMMERHIRT

maykon.lammerhirt@somosnsc.com.br

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA

RICARDO WOLFFENBÜTTEL

ricardo.wolff@somosnsc.com.br

LINHA DA VIDA

AS MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE CATARINENSES QUE ALCANÇARAM UM SÉCULO DE IDADE. GRUPO QUE QUADRIPLICOU NOS ÚLTIMOS SETE ANOS NO ESTADO. CADERNO ESPECIAL

A Notícia
Capa e Jefferson Saavedra
"Como é o novo contrato da UFSC"

Como é o novo contrato da UFSC / Parque Perini / Joinville / Universidade Federal de Santa Catarina / Unificação do campus



Como é o novo contrato da UFSC

O contrato da UFSC com o parque Perini prevê despesa de R\$ 24,7 milhões, a serem pagos ao longo de cinco anos pela universidade federal para ocupar espaço no condomínio industrial instalado em Joinville. O modelo adotado é o *built to suit* (construir para servir), com as instalações sendo construídas especialmente para abrigar a federal, com possibilidade de renovação do contrato.

A UFSC oferece cursos na área de engenharia em Joinville desde 2009, sempre em imóveis alugados porque a sede própria às margens da BR-101 teve as obras paralisadas logo após o início. Não há data para a retomada dos trabalhos no local conhecido como Curva do Arroz. A mudança da universidade para o condomínio será em fevereiro, com transferência de 1,8 mil alunos. Hoje, a universidade paga em torno de R\$ 300 mil com os imóveis alugados, com estimativa de chegar a R\$ 340 mil no primeiro semestre de 2018 se a instituição permanecesse nos atuais espaços. No Perini, o custo da locação será de R\$ 412 mil mensais. A universidade aponta vantagens no novo modelo. A área total vai passar de 13,5 mil m² para 44 mil m², com a área construída chegando a 13 mil m² no condomínio, 2,5 mil m² a mais do que o locado atualmente. Hoje, as instalações da UFSC estão em cinco endereços, com unificação no campus no condomínio.

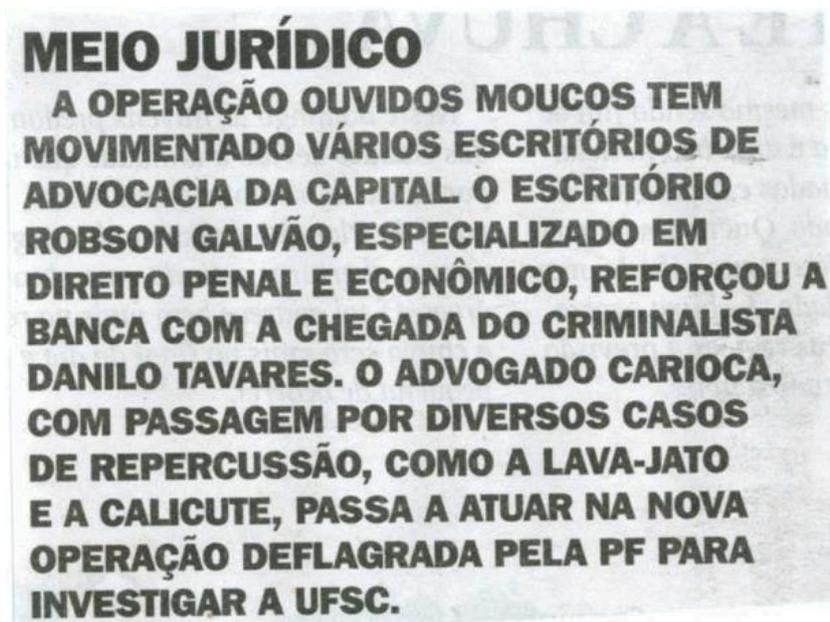
Locação sairá por R\$ 24,7 milhões em cinco anos.

Mais vantagens

A universidade trabalha com estimativa de conseguir receita de R\$ 40 mil mensais que serão cedidos dentro de sua estrutura, como restaurante, lanchonetes e setor de reprografia. A economia com a vigilância – será uma portaria em vez de quatro – está apontada em R\$ 43 mil. Também está prevista economia com manutenção. A possibilidade de uso de equipamentos do condomínio, como quadra de esportes e estacionamento, e a oportunidade de contato com as empresas, com chance de estágio, também são listadas como vantagens.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Meio Jurídico"

Meio Jurídico / Operação Ouvidos Mucos / Escritórios de Advocacia / UFSC



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

23/09/2017

[Nuno Ramos discute o papel do artista em seu livro 'Adeus, Cavalos'](#)

24/09/2017

[IV Festival de Música da UFSC tem 14 apresentações durante três dias](#)

[Sessão gratuita de cinema exibirá o filme Colegas](#)

[Sessão gratuita de cinema exibirá o filme Colegas](#)